

Eça de Queirós na Era do Capital: o poder do dinheiro em *O Primo Basílio*

Luciene Marie Pavanelo

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

lucienemp@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5027-7532>

Eric Hobsbawm dividiu o longo século XIX entre A Era das Revoluções (1789-1848), A Era do Capital (1848-1875) e A Era dos Impérios (1875-1914). Publicado por Eça de Queirós em 1878, portanto, pouco depois do segundo período postulado pelo historiador britânico, *O Primo Basílio* mostra como o dinheiro passou a determinar todas as relações humanas. Sendo uma periferia da Europa, Portugal possui aspectos distintos dos centros do capitalismo, onde conceitos como a ascensão social pelo mérito, por exemplo, foram erigidos. O objetivo deste trabalho é discutir como Eça tratou dessas questões nesse romance, que é muito mais complexo do que uma mera história de adultério.

Palavras-chave: Portugal. Século XIX. Eça de Queirós. *O Primo Basílio*.

Eric Hobsbawm divided the long 19th century into The Age of Revolution (1789-1848), The Age of Capital (1848-1875) and The Age of Empire (1875-1914). Published by Eça de Queirós in 1878, shortly after the second period postulated by the British historian, *O Primo Basílio* shows how money came to determine all human relations. Being a periphery of Europe, Portugal has distinct aspects from the centers of capitalism, where concepts such as social mobility through merit, for example, were established. The objective of this work is to discuss how Eça dealt with these themes in this novel, which is much more complex than a mere story of adultery.

Keywords: Portugal. 19th century. Eça de Queirós. *O Primo Basílio*.

De acordo com a aceção de Eric Hobsbawm (1996), que dividiu o longo século XIX entre A Era das Revoluções (1789-1848), A Era do Capital (1848-1875) e A Era dos Impérios (1875-1914), as décadas de 1850, 1860 e 1870 foram marcadas pela ascensão do capitalismo e pela consolidação da cultura burguesa na Europa. A Era do Capital foi, portanto, o momento no qual o dinheiro passou a predominar sobre todos os outros valores, consumando um processo de transformação na sociedade, que foi notado por diversos intelectuais do Setecentos e do Oitocentos, que denunciaram não somente o crescente materialismo dos indivíduos, mas sobretudo os seus efeitos perniciosos sobre os povos, como o aumento das injustiças sociais.

Evidentemente, em Portugal, essa denúncia não foi feita apenas pela Geração de 70 e pelos intelectuais que a sucederam. Em 1843, por exemplo, Almeida Garrett, em *Viagens na Minha Terra*, constata que “Hoje o mundo é uma vasta Baratária, em que domina el-rei Sancho [Pança]” (Garrett, 2010: 101). O narrador desse romance explica a teoria da marcha do progresso a partir do que ele entende como a sucessão de dois princípios “avessos”, que “andam contudo juntos sempre; ora um mais atrás, ora outro mais adiante”: o espiritualismo (ou idealismo), simbolizado por Dom Quixote, e o materialismo, representado por Sancho Pança (Garrett, 2010: 100). Ao lamentar que o reino do materialismo impera naquele momento, Garrett mostra que, já na década de 40 do século XIX, o dinheiro era o valor que sobressaía nessa “vida toda material, maçuda e grossa [...] que [...] hoje vivemos” (Garrett, 2010: 108). Num trecho bastante atual, no qual aponta a riqueza de poucos como a causa da miséria de muitos, o narrador garrettiano questiona:

Andai, ganha-pães, andai; reduzi tudo a cifras, todas as considerações deste mundo a equações de interesse corporal, comprei, vendei, agiotai. – No fim de tudo isto, o que lucrou a espécie humana? Que há mais umas poucas de dúzias de homens ricos. E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infâmia, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico? (Garrett, 2010: 108-109).

Três décadas e meia depois, em 1878, Eça de Queirós publica *O Primo Basílio*, obra em que o poder do dinheiro é encoberto pelo manto diáfano de uma história de adultério à la *Madame Bovary*. Tomarei como ponto de partida justamente o diálogo de Eça com o romance de Gustave Flaubert. Emma Bovary busca seus amantes por ter se enfastiado de seu marido, por quem nutre uma ojeriza muito parecida com a que demonstra Leopoldina pelo seu cônjuge, com quem essa personagem “tinha feito um casamento infeliz” (Queirós, 194?: 21). Entretanto, diversos momentos de *O Primo Basílio* mos-

tram que, ao contrário de Leopoldina e Emma Bovary, Luísa vivia satisfeita com Jorge, a quem ela estimava e admirava: “Era bem feliz! Então veio-lhe uma saudade de Jorge; desejaria abraçá-lo, tê-lo ali [...]. Tinha tudo, ele, para fazer uma mulher feliz e orgulhosa: era belo, com uns olhos magníficos, terno, fiel.” (Queirós, 194?: 78).

Há uma distinção nítida entre o adultério de Emma Bovary (e Leopoldina) e o de Luísa, que reside na motivação. Após a primeira relação sexual com Basílio, Luísa busca compreender por que teria traído Jorge, cuja lembrança “não a deixava; tivera-a sempre no espírito, desde a véspera; não a assustava, nem a torturava” (Queirós, 194?: 215-216) – ou seja, mesmo nos braços do amante, a protagonista não se esquecera do marido, mostrando que ainda pensava nele com ternura. Depois que o primo passa a tratá-la com desdém, por ter se aborrecido da conquista, Luísa compara Jorge com Basílio, sempre em desfavor do segundo: “E imediatamente lhe veio a ideia de Jorge! *Esse* não! Vivia com ela havia três anos – e o seu amor era sempre o mesmo, vivo, meigo, dedicado. Mas o *outro*! Que indigno!” (Queirós, 194?: 268, grifo do autor). Por outro lado, a narrativa mostra que as “justificações” elencadas por Luísa para o seu adultério são frágeis: “Tinha sido uma *fatalidade*: fora o calor da hora, o crepúsculo, uma pontinha de vinho talvez... Estava doida, decerto” (Queirós, 194?: 216, grifo do autor).

É claro que o fato de Basílio ter sido noivo da protagonista na juventude também contribuiu para que ela fosse atraída para os seus braços. Contudo, a ideia de uma grande paixão fulminante pelo primo, mesmo quando ela era mais nova, pode ser questionada. O narrador explica que a família dele era abastada, motivo pelo qual a mãe de Luísa dava-lhes uma liberdade que não era comum aos namorados no século XIX: “A mamã, coitadinha, toda cismática, com reumatismo, egoísta, deixava-os, sorria, dormitava: Basílio era rico, então, chamava-lhe tia Jojó trazia-lhe cartuchos de doce...” (Queirós, 194?: 16). O primo era interessante porque “tinha chegado então da Inglaterra: vinha muito *bife*, usava gravatas escarlates passadas num anel de ouro, fatos de flanela branca” (Queirós, 194?: 15, grifo do autor). Ou seja, o que atraía Luísa e conquistara a simpatia da mãe dela fora, de fato, o seu dinheiro.

Quando o pai dele vai à falência, Basílio emigra para o Brasil, de onde rompe o noivado. Apesar de Luísa ter vivido “triste durante meses”, cantando Soares de Passos (Queirós, 194?: 17-18), a protagonista se restabelece após passar “um tempo muito alegre” em Belas, onde “Um tenente de artilharia tinha-se apaixonado por ela”, mandando-lhe “uns versos” (Queirós, 194?: 18). Quando volta para casa, “tinha engordado, trazia boas cores”, até que achou “numa gaveta uma fotografia que logo ao princípio Basílio lhe mandara da Baía, de calça branca e chapéu *panamá*” (Queirós, 194?: 18, grifo do autor).

Vestindo-se como os brasileiros, portanto, sem o *glamour* dos europeus abastados, e agora pobre, Basílio perde o encanto que tinha quando era rico e recém-chegado da Inglaterra, ao ponto de Luísa debochar dele: “E o que eu me ralei por esta figura! Que tola!” (Queirós, 194?: 18). O poder de sedução do primo sobre a protagonista é despertado outra vez quando ele retorna a Portugal, novamente enriquecido, e agora recém-chegado da França.

É interessante notar também que esses países de onde vem Basílio correspondem às mudanças no gosto literário de Luísa: na juventude, Basílio veio da Inglaterra, Reino Unido, e “Em solteira, aos 18 anos, [ela] entusiasma-se por Walter Scott e pela Escócia; desejava então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões da *clan*, mobilados com arcas góticas e troféus de armas”; agora, Basílio vem de Bordeaux, França, e mais recentemente “era o *moderno* [de *A Dama das Camélias*] que a cativava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades” (Queirós, 194?: 18-19, grifo do autor). Antes, o primo tinha “um ar fidalgo”, e a quinta do pai dele em Colares “tinha um ar antigo e morgado [...], um tom aristocrático” (Queirós, 194?: 16), tal como os heróis dos romances históricos; agora, Basílio se comportava como as personagens dos romances franceses que Luísa lia, e repetia os “gestos de tenor” das óperas românticas – como ele mesmo afirma, ironizando as reclamações da prima, após tê-la reconquistado: “Queres que me atire de joelhos, que declame, que revire os olhos, que faça juras, outras tolices?...”; ao que ela lhe responde: “São tolices que tu fazias...” (Queirós, 194?: 266).

Por outro lado, penso que os seguintes trechos oferecem uma pista importante para a compreensão do que realmente teria seduzido Luísa:

– Que vida interessante a do primo Basílio! – pensava. – O que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer as suas malas, partir, admirar aspectos novos e desconhecidos [...]! Como desejaria visitar os países que conhecia dos romances – a Escócia e os seus lagos taciturnos, Veneza e os seus palácios trágicos [...]. E ir a Paris! Paris sobretudo! Mas, qual! Nunca viajaria decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta! (Queirós, 194?: 77-78).

[...] o primo Basílio fazendo flutuar o seu *bornous* branco pelas planícies da Terra Santa; ou em Paris, direto na almofada, governando tranquilamente os seus cavalos inquietos – davam-lhe a ideia duma outra existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento. (Queirós, 194?: 79, grifo do autor).

Em diversos momentos da diegese, o narrador menciona o sonho de Luísa de viajar para o exterior e vivenciar as aventuras que lia nos romances: “Fora sempre o seu desejo viajar – dizia – ir ao Oriente. Queria andar em caravanas, balouçada no dorso dos camelos” (Queirós, 194?: 71); “[...] queria

viajar, ir a Paris, a Sevilha, a Roma...” (Queirós, 194?: 198). O máximo que Jorge podia lhe prometer era “fazer uma jornada ao Norte, irem ao Buçaco [...] irem a Espinho, e pelas praias, sentar-se na areia” (Queirós, 194?: 60). O que a impedia de realizar o seu sonho não era o fato de o marido ser “caseiro, tão lisboeta”, e sim o fato de ele ser “um reles indivíduo de secretaria” (Queirós, 194?: 556), nas palavras do visconde Reinaldo, amigo de Basílio. Ao contrário do primo de sua esposa, Jorge precisava de trabalhar como engenheiro; era, portanto, pertencente à classe média, e não tinha mais do que “alguns contos de réis em inscrições” (Queirós, 194?: 87), que herdara da tia falecida. Sendo assim, não tinha condições financeiras para custear viagens para o estrangeiro; como Luísa reconhece, “eram pobres”.

Segundo Reinaldo, a amante de seu amigo não era “chique, andava em tipoias de praça; usava meias de tear; [...] vivia numa casinhola; [...] e andava por casa de sapatos de ouro” (Queirós, 194?: 556). A longa descrição da casa da protagonista, logo no início do romance, não é gratuita: serve para evidenciar ao leitor de que o marido de Luísa está longe de ser rico. Para além de reforçar o conservadorismo de Jorge – simbolizado pelos pensadores que a personagem admirava: o cientista Louis Figuier, o economista Frédéric Bastiat e o escritor António Feliciano de Castilho (Queirós, 194?: 8) –, pois ele mantinha a decoração da casa tal como era desde a sua infância, a descrição também demonstra a vida parcimoniosa de um membro da classe média, que “tinha horror a dívidas” (Queirós, 194?: 8).

Por sua vez, Sebastião, amigo de Jorge, passa boa parte da narrativa reformando a sua quinta de Almada, “um sorvedouro”, que, segundo ele, “Parece que não é nada: mas uma pintura numa porta, uma janela nova, uma sala forrada de papel, um soalho, e isto e aquilo, e lá se vão oitocentos mil-réis” (Queirós, 194?: 336). É possível depreender que o valor que Sebastião está gastando na reforma é muito alto, tendo em vista que a soma que Juliana exige de Luísa, um valor que acreditava que mudaria a sua vida, é bem menor: seiscentos mil-réis (Queirós, 194?: 325). Ao contrário de seu amigo, Jorge não tinha recursos financeiros para sequer renovar a mobília: a casa mantém os “móveis íntimos, que eram do tempo da mamã: o **velho** guarda-louça envidraçado [...], o **velho** painel a óleo [...], onde apenas se percebiam, num fundo **lascado**, os tons avermelhados de cobre dum bojo de caçarola e os rosados **desbotados** dum molho de rabanetes!” (Queirós, 194?: 7, grifo nosso). O aposento do casal “Era um quarto **pequeno** [...]. Tinha um tapete **barato**” (Queirós, 194?: 25, grifo nosso).

Em contraste, a notícia de jornal que anuncia a chegada de Basílio vindo de Bordeaux, na França, infere que o primo de Luísa “vem com fortuna” (Queirós, 194?: 10). Antes de tudo, a imprensa não noticiaria a vinda de qual-

quer cidadão mediano – somente os que pertencem à elite têm essa notoriedade, e “o snr. Basílio de Brito” é, segundo o jornal, “bem conhecido da nossa sociedade” (Queirós, 194?: 9). O redator afirma que ele “reconstituíra a sua fortuna” no Brasil, e que “anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado” (Queirós, 194?: 9). Tendo em vista que a cena de Jorge e Luísa lendo o jornal se passa em julho (Queirós, 194?: 6), depreende-se que Basílio passara um ano e meio viajando pela Europa – privilégio de que somente os muito ricos podem usufruir. Como ele relata, posteriormente, à prima: “Viera respirar um pouco à velha Europa. Estivera em Constantinopla, na Terra Santa, em Roma. O último ano passara-o em Paris” (Queirós, 194?: 68), onde “Tinha um *apartamento* lindíssimo, que pertencera a lord Falmouth, rue Saint Florentin, tinha três cavalos...” (Queirós, 194?: 74, grifo do autor).

Na cena em que Basílio se gaba de suas viagens, o narrador afirma que “Luísa olhava-o. Achava-o mais varonil, mais trigueiro. Reparou na ferradura de **pérola** da sua gravata de **cetim** preto, nas pequeninas estrelas brancas bordadas nas suas meias de **seda**” (Queirós, 194?: 68-69, grifo nosso). Ao revelar o pensamento da protagonista, de que “A Baía não o vulgarizara. Voltava mais interessante!” (Queirós, 194?: 69), o narrador mostra que o que tornava Basílio mais atraente para Luísa, além do relato de suas viagens, era a elegância que o dinheiro lhe permitia comprar. De acordo com Francisco Dantas (1999: 57), “é o devaneio em torno dos valores excepcionais” ostentados por Basílio que, “em primeiro lugar”, atrai Luísa “para os braços do primo”.

Por outro lado, para conquistar a protagonista, “Conhecendo a influência do sonho burguês de ascensão social, [...] Basílio descerra-lhe um universo repleto de luxo, requintes, aventura, romantismos e mesuras” (Dantas, 1999: 56). Assim, o primo “começa a minar o casamento de Luísa [...], procurando convencê-la de que merece um lugar muito acima da vida que Jorge lhe destina” (Dantas, 1999: 97). Após a primeira relação sexual com Basílio, Luísa sente-se mais rica, como se apenas o fato de estar com um amante abastado tornasse a sua vida mais glamourosa: “Que requintes teve nessa manhã! Perfumou a água com um cheiro de Lubin, escolheu a camisinha que tinha melhores rendas. E suspirava por ser rica! Queria as bretanhas e as holandas mais caras, as mobílias mais aparatosas, grossas joias inglesas, um cupé forrado de cetim...” (Queirós, 194?: 214).

Quando Juliana lhe revela ter a posse das cartas, a primeira ideia que vem à cabeça de Luísa é “Fugir com Basílio! [...] Ele tinha-lhe tantas vezes jurado que seriam tão felizes em Paris, no seu *apartamento* da rua Saint Florentin!” (Queirós, 194?: 293, grifo do autor). A ideia de “abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar róis de cozinha e a fazer

crochê, e partir com um homem novo e amado, ir para Paris! para Paris! viver nas consolações do luxo, em alcovas de seda, com um camarote na Ópera!...” (Queirós, 194?: 294-295) lhe animou: “Era bem tola em se afligir! Quase fora uma felicidade aquele ‘desastre’! Sem ele nunca teria tido a coragem de se desembaraçar da sua vida burguesa” (Queirós, 194?: 295). É claro que Basílio frustra os seus planos, pois “Não lhe faltava mais nada senão partir para Paris, com aquele trambolhozinho!” (Queirós, 194?: 314-315), a “embaraçar-lhe para sempre a vida!” (Queirós, 194?: 312). Como explica o narrador, “Depois de se ter instalado, pela imaginação, numa segurança feliz, longe, em Paris – parecia-lhe [a Luísa] intolerável ter de voltar para casa” (Queirós, 194?: 310).

A hipótese de que o dinheiro de Basílio – e o luxo e os prazeres advindos dele – seduzia Luísa mais do que o próprio amante, é confirmada na passagem em que a protagonista vai conhecer o quarto que ele tinha alugado para os seus encontros amorosos. O narrador afirma que, para ela, o “Paraíso” “interessava-a, atraía-a mais que Basílio!” (Queirós, 194?: 232), pois imaginava que o local arranjado pelo primo teria tanto luxo “como no romance de Paulo Féval”, no qual “o herói, poeta e duque, forra de cetins e tapeçarias o interior de uma choça”, onde “as flores se esfolham nos vasos de Sèvres e os pés nus pisam Gobelins veneráveis! Conhecia o gosto de Basílio [...]. Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda” (Queirós, 194?: 232-233). A protagonista se decepciona não tanto com a recepção fria do amante, que se queixa de seu atraso, mas sobretudo por não encontrar o luxo que esperava:

Luísa viu, logo ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha **amarelada**, feita de **remendos** juntos de chitas **diferentes**; e os lençóis **grossos**, dum branco **encardido** e **mal lavado** [...]. E os seus olhos, muito abertos, iam-se fixando – nos **riscos** ignóbeis da cabeça dos fósforos, ao pé da cama; na esteira **esfiada**, **comida**, com uma **nódoa** de tinta entornada [...]. Luísa mordida os beiços; sentia-se entristecer. (Queirós, 194?: 234-235, grifo nosso).

Por outro lado, o “jeito [de Basílio] de meter as mãos nos bolsos das calças fazendo tilintar o dinheiro e as chaves” (Queirós, 194?: 15) é um hábito que a personagem repete em diversos momentos do romance, a fim de exibir o seu poder financeiro, como no episódio em que se queixa de a prima atender Julião, um parente de Jorge, que pertence à classe média-baixa, pois, na concepção dele, receber visitas de “gente deste género” “Envergonha uma casa” (Queirós, 194?: 120). Quando foi apresentado a Julião, descrito como um “homem de colarinho enxovalhado e com um velho casaco de pano preto mal feito” (Queirós, 194?: 117-118), “Basílio ergueu-se do sofá langui-

damente, e, num relance, percorreu Julião desde a cabeleira desleixada até às botas mal engraxadas, com um olhar quase horrorizado” (Queirós, 194?: 117), explicitamente desdenhando do outro, como se tivesse nojo daqueles que têm menos posses e, portanto, não podem se vestir de forma elegante. A fim de humilhar Julião, exibindo-lhe o seu *status* financeiro, Basílio “examinava a sua meia de seda bordada de estrelinhas escarlates, e cofiava indolentemente o bigode, arrebitando um pouco o dedo mínimo, – onde brilhavam, em dois grossos anéis de ouro, uma safira e um rubi” (Queirós, 194?: 118).

É nítida a diferença no comportamento de Basílio, quando é apresentado ao Conselheiro Acácio, que “Fora outrora, director-geral do ministério do reino” (Queirós, 194?: 40). Homem abastado, o Conselheiro é descrito logo no início do romance portando um “belo lenço de seda da Índia” (Queirós, 194?: 42), e, depois, quando conhece Basílio, “com as bandas do casaco de alpaca deitadas para trás, a calça branca muito engomada caindo sobre os sapatos de entrada baixa, de laço” (Queirós, 194?: 121), demonstra também ter, assim como o primo da protagonista, a elegância comprada pelo dinheiro. O narrador chama a atenção para o fato de o Conselheiro conversar com Basílio da mesma forma que este fizera com Julião, “passando sobre o bigode a sua mão branca onde destacava o anel de armas” (Queirós, 194?: 121), mostrando ao primo de Luísa que não apenas era rico, mas que também tinha ascendência social. Sem ter como humilhá-lo, como fez com Julião, Basílio resigna-se a “resmungar” para Luísa: “– Este ao menos é limpo” (Queirós, 194?: 128).

O elitismo dessas personagens pode ser verificado em diversos trechos do romance, nos quais conversas aparentemente irrelevantes revelam os preconceitos das camadas mais privilegiadas da sociedade. No diálogo com Basílio, o Conselheiro afirma não frequentar o Passeio Público porque os seus “preços diminutos favoreciam a aglomeração das classes subalternas...” (Queirós, 194?: 123). A ressalva que se segue a essa afirmação da personagem é uma mostra da ironia queirosiana: “Que longe do seu pensamento lançar desdouro nessa parte da população... As suas ideias liberais eram bem conhecidas. – Apelo para a snr.^a D. Luísa! – disse. – Mas enfim, sempre era mais agradável encontrar uma roda escolhida!” (Queirós, 194?: 123). Em outro momento, o Conselheiro defende que “a religião é um freio... [...] Não o precisamos nós decerto, que somos as classes ilustradas. Mas precisa-o a massa do povo [...]. Senão veríamos aumentar a estatística dos crimes.” (Queirós, 194?: 404).

Nessa mesma conversa, Julião defende ideias revolucionárias: “– Mas onde está o mal, snr. Conselheiro, se fuzilarmos alguns banqueiros, alguns padres, alguns proprietários obesos, e alguns marqueses caquéticos! Era

uma limpezazinha!...” (Queirós, 194?: 407-408). Não podemos, contudo, nos enganar com essa aparente defesa dos menos favorecidos, pois, quando alerta Jorge e Luísa de que Juliana poderia morrer a qualquer momento devido à sua doença cardíaca, Julião declara que “Foi um grande erro abolir a escravatura!...” (Queirós, 194?: 363). Para os membros da burguesia – sejam eles ricos, de classe média ou de classe média-baixa –, a classe trabalhadora é descartável, adjetivação lembrada por Maria do Rosário Cunha (2016: n.p.): “Não é por acaso que, ao agravar-se a doença de coração de Juliana, esta se transforma num elemento urgentemente descartável”.

Isso fica evidente na fala da “fidalga” dona Felicidade – segundo a ironia queirosiana, uma personagem “um pouco devota, muito da [Igreja de Nossa Senhora da] Encarnação” (Queirós, 194?: 37) –, que defende que, por causa da falta de saúde da empregada, Luísa deveria despedi-la: “Tu o que deves fazer é descartar-se dela! Uma criada com uma doença dessas!” (Queirós, 194?: 362), “Sempre o tenho dito. É desfazerem-se dela. [...] É pô-la na rua!” (Queirós, 194?: 425-426). O desprezo pelas classes mais baixas é reforçado pela utilização dos verbos “descartar-se” e “desfazer-se”, como se os trabalhadores não fossem dignos de compaixão – e o fato de essas frases terem sido proferidas por uma personagem religiosa é ainda mais agravante. Segundo Beatriz Berrini (1984: 88), nessa sociedade “a criada [é] um útil utensílio para a execução das tarefas rotineiras e pesadas... Não é um ser humano, antes uma eficiente máquina”.

Essa ideia aparece também no desabafo de Juliana, que reclama que, para os patrões, “A criada é o animal. Trabalha se podes, senão rua, para o hospital.” (Queirós, 194?: 326). Mesmo se dizendo devedor dela, pelo fato de a empregada ter cuidado de sua tia doente – “De dia, de noite, foi um anjo para ela! Estamos-lhe em dívida, [...] é uma questão de gratidão, para mim!” (Queirós, 194?: 12) –, Jorge explora Juliana, pagando-lhe “meia moeda por mês” para “trabalhar, de madrugada até à noite” (Queirós, 194?: 326), incluindo nos domingos, quando “havia em casa de Jorge uma pequena reunião, uma *cavaqueira*, na sala” (Queirós, 194?: 35, grifo do autor). À empregada foi concedido um “quarto em cima no sótão [que] era pior que uma enxovia; [...] o calor, o mau cheiro, os percevejos, a falta de ar, e no Inverno a humidade”, enquanto “O *quarto dos baús* tinha uma janela nas traseiras; era alto e espaçoso” (Queirós, 194?: 371-372, grifo do autor). O curioso – e revoltante – é que, para convencer a patroa a permitir que se mudasse para o quarto dos baús, onde “guardavam-se ali os oleados de Jorge, as suas malas, os paletós velhos” (Queirós, 194?: 372), tenha sido necessário Juliana recorrer à chantagem, encoberta com a declaração óbvia de que “Os baús não são gente, não sofrem...” (Queirós, 194?: 372). Como explica Berrini (1984: 44),

“Entre burguesia e povo existe antagonismo e ódio. Juliana é explorada ao máximo pelos patrões, apesar dos serviços prestados no passado, apesar da saúde debilitada. Só alcança condições de vida mais suportáveis graças à chantagem”.

Na conversa com o Conselheiro e Julião mencionada acima, o “bom Sebastião” (Queirós, 194?: 9) parece ter o mesmo ponto de vista do autor, ao lamentar as injustiças sociais: “parecia-lhe que os operários eram mal pagos; a miséria crescia; os cigarreiros, por exemplo, tinham apenas de nove a onze vinténs por dia, e, com família, era triste... [...] E há poucas escolas...” (Queirós, 194?: 408). Contudo, quando Luísa lhe conta sobre a chantagem de Juliana, que lhe obrigava a fazer os despejos – como se limpar a própria sujeira fosse algo absurdo e impensável para um membro da burguesia – Sebastião exclama: “– Mas merece a morte, essa infame!” (Queirós, 194?: 461). Berrini (1984: 101) atenta para o fato de que é “Essa a reacção do ‘bom’ Sebastião, que, semanas antes, defendera os operários mal pagos. Moral da sociedade: é dever da criada e uma injustiça se se trata da patroa, executar determinadas tarefas”. De acordo com a pesquisadora, “O bom Sebastião não é bom no fim das contas. [...] Pune aquela que ousou transgredir as regras classistas sociais vigentes e colocar-se no lugar indevido, sacrificando Luísa: é uma criada e deve saber qual é o seu lugar” (Berrini, 1984: 92).

O comissário da polícia, sem pedir maiores explicações, cede a Sebastião um guarda para ameaçar Juliana com “[o Tribunal d]a Boa-Hora, [a Cadeia d]o Limoeiro, [o degredo para] a costa de África” (Queirós, 194?: 482). Para o comissário, bastava que não fosse “coisa de política” nem que envolvesse “gente graúda” (Queirós, 194?: 481), o que mostra que a polícia está a serviço de quem detém o poder, ou seja, os mais ricos. Depois de recuperar as cartas, Sebastião “lhe resvalou na mão [do policial] uma libra, o Mendes curvou-se respeitosamente e disse, com uma voz pegajosa: – E para o que quiser, o sessenta e quatro, o Mendes, que foi da Guarda. Não se incomode v. s.^a. Às ordens de v. s.^a” (Queirós, 194?: 485). Como conclui Berrini (1984: 102), Juliana “enfrenta uma luta solitária contra a poderosa máquina do poder, representada por aqueles que [...] detêm o dinheiro e, em consequência, a polícia”. Assim, “No embate entre o burguês – mais forte seja pelo dinheiro seja pela posição social decorrente –, e o pobre, este sucumbe. Não há outra alternativa.” (Berrini, 1984: 106-107).

Antes disso, devo recordar que, assim que Sebastião começa a desconfiar de que Luísa está cometendo adultério com Basílio, essa questão passa a tomar-lhe todo o seu tempo enquanto está em Lisboa – como expliquei anteriormente, a personagem passa boa parte da narrativa tratando das reformas em sua quinta. Diferentemente de Jorge, Sebastião não precisa de traba-

lhar, pois era “proprietário e rico” (Queirós, 194?: 335), “Tinha uma fortuna pequena em inscrições, terras de lavoura para o lado do Seixal, e a quinta em Almada, – o Rozegal” (Queirós, 194?: 136). Segundo Berrini (1984: 49), “Sebastião, que tem renda garantida, não necessita de empenhar o seu tempo num emprego qualquer; ocupa-se assim com a sua quinta do Rozegal, para ele mais um divertimento do que um trabalho. Sobram-lhe, porém, momentos para se preocupar com Luísa e tentar resolver-lhe os problemas”. Como Julião comenta, após Sebastião ter-lhe desabafado as suas preocupações com a imagem de Luísa perante a sociedade: “– Quem me dera os teus cuidados, homem!” (Queirós, 194?: 230). A realidade de Julião, que, como expliquei, pertence à classe média-baixa, é bem distinta:

Havia uma semana que se abria concurso para uma cadeira de substituto na Escola, e preparava-se para ele. Era a sua tábua de salvação, dizia: se apanhasse a cadeira, ganhava logo nome, a clientela podia vir, e a fortuna... E, que diabo, sempre era estar de dentro!... Mas a certeza da sua superioridade não o tranquilizava – porque enfim em Portugal, não é verdade? nestas questões a ciência, o estudo, o talento são uma história, o principal são os padrinhos! Ele não os tinha – e o seu concorrente, um sensaborão, era sobrinho dum director geral, tinha parentes na câmara, era um colosso! Por isso ele trabalhava a valer, mas parecia-lhe indispensável meter também as suas cunhas! (Queirós, 194?: 230).

Num artigo publicado em 2019,¹ defendi que *O Primo Basílio* apresenta uma crítica à dependência que a classe trabalhadora portuguesa – e também a classe média-baixa – tinha da elite, algo que vai de encontro à lógica da meritocracia, que é baseada no discurso de que as oportunidades estão abertas a todos, bastando ao pobre ter talento e se esforçar – um mito erigido nos centros do capitalismo e disseminado pela figura de Napoleão, que subiu os degraus da carreira militar até se tornar o homem mais poderoso da Europa (Hobsbawm, 2007: 111-112). Essa crítica é feita por meio da trajetória de Julião, rapaz “muito inteligente”, que “estudava desesperadamente” (Queirós, 194?: 35); nas palavras de Jorge, Julião “Tem muito espírito! tem muito talento! grande homem!” (Queirós, 194?: 36). Ou seja, a personagem tinha talento e se esforçava, portanto, cumpria os pré-requisitos para alcançar o sucesso, segundo o mito da meritocracia; porém, “Aos trinta anos, [era] pobre, com dívidas, sem clientela” (Queirós, 194?: 35). Pela queixa de Julião acima, depreende-se que “meter as cunhas”, ou seja, arranjar a recomendação de um padrinho, de alguém pertencente à elite, era a única forma de ascender socialmente em seu país, onde “a ciência, o estudo, o talento são uma história”.

1 Cf. Pavanelo, 2019: 176-178.

Posteriormente, Julião informa que, como esperava, o seu “concorrente [no concurso] foi despachado” (Queirós, 194?: 490). A personagem relata que “ia fazer um escândalo, mas... – e teve um risinho – amansaram-me! Estou num Posto Médico, deram-me um Posto Médico! Atiraram-me um osso! [...] De resto, tinham-lhe prometido a primeira vagatura. O Posto Médico não era mau... Em definitiva, a situação melhorará...” (Queirós, 194?: 490). Com isso, Julião foi cooptado, conforme ele mesmo reconhece: “– Até há dias um revolucionário terrível. Mas agora... [...] Um amigo da Ordem – gritou com júbilo.” (Queirós, 194?: 523). Segundo Berrini (1984: 40), Julião “anseia por uma revolução [...]. No fundo, porém, quer apenas instalar-se melhor, subir, vencer [...]. Ao conseguir o posto ([...] oferecido para amansá-lo), Julião confessa não mais ser o ‘revolucionário terrível’, porém, ele também, agora, ‘um amigo da Ordem’”. Como explica a pesquisadora, “a pequena burguesia aparece impotente para qualquer alteração do *statu quo*, dominada apenas pela ambição de poder, mas ambição circunscrita aos interesses mais mesquinhos e imediatos” (Berrini, 1984: 26).

É evidente a ironia do narrador queirosiano, ao afirmar que, em meio ao sofrimento de Jorge, que tinha acabado de descobrir a traição de Luísa, Julião e o Conselheiro desceram as escadas da casa dele, “contentes de si e do seu país, para se meterem na tipoia do Grande Homem!” (Queirós, 194?: 523). Aqui, o “Grande Homem” é uma referência irônica do narrador a Ernestinho, que acabara de ser aclamado pelo sucesso de sua peça *Honra e Paixão*, cujo final ele teve de alterar por exigência do empresário do teatro (Queirós, 194?: 48). Apesar de Ernestinho escrever “por paixão entranhada pela Arte – porque era empregado na alfândega, com bom vencimento, e tinha quinhentos mil réis de renda das suas inscrições” (Queirós, 194?: 44), a personagem precisou se submeter às vontades do empresário, segundo ele, “um pelintra, um parvo” (Queirós, 194?: 44), para que a sua peça fosse exibida. Para Berrini (1984: 53), “O autor foi constrangido a alterar o final da peça a fim de satisfazer o público, que enfim é quem paga; ou melhor, para satisfazer o capital. [...] Cedendo ao empresário, sacrificou a sua obra”. Ou seja, na Era do Capital, em que tudo virou mercadoria, mesmo no campo artístico, quem detém o poder é quem tem dinheiro.

O final do romance de Eça, por sua vez, confirma essa ideia de que o dinheiro se sobrepõe a qualquer outro valor na sociedade capitalista. Como é amplamente conhecido, a narrativa se encerra com Basílio passeando por Lisboa, impunemente e sem remorsos, ao lado de seu amigo Reinaldo, que debocha da morte de Luísa. A queixa de Basílio, de que “Podia ter trazido a Alphonsine!” (Queirós, 194?: 556), mostra que, para esses homens com poder e riqueza, nada acontece, não há Justiça – nem terrena, nem

divina. Além disso, para eles, as mulheres são descartáveis – da mesma forma que os trabalhadores são descartáveis para os seus patrões, como mostrei anteriormente.

Porém, antes de abordar o retorno de Basílio a Lisboa, o narrador foca no Conselheiro, que escreve um necrológio em homenagem a Luísa, com o intuito de publicá-lo “Na *Voz Popular*, com tarjeta preta” (Queirós, 194?: 547). Ao declarar que “Creio que [o escrito] está digno dela [Luísa], e de mim!” (Queirós, 194?: 547), o Conselheiro revela as suas reais intenções: é mais importante, para ele, utilizar a morte de Luísa para se promover perante a sociedade, ainda mais depois de ter sido agraciado com o “*grau de cavaleiro da ordem de S. Tiago*” (Queirós, 194?: 397, grifo do autor), do que de fato homenagear alguém que o considerava amigo “íntimo”, cuja casa frequentava todos os domingos (Queirós, 194?: 35). O narrador relata que, após concluir o necrológio, o Conselheiro

Tinha terminado o seu dia. Fora bem preenchido e digno: de manhã certificara-se com regozijo no *Diário do Governo*, que a família real “passava sem novidade”; cumprira o dever de amigo, acompanhando Luísa aos [Cemitério dos] Prazeres numa carruagem da Companhia; a alta das inscrições assegurava-lhe a paz da sua pátria; compusera uma prosa notável; a sua Adelaide amava-o! (Queirós, 194?: 549).

Ao elencar o enterro de Luísa como apenas mais uma de suas atividades daquele dia, como parte de um cotidiano que se inicia com a leitura do jornal e termina com a relação sexual com a sua jovem e bela empregada, o narrador queirosiano mostra que, para alguns membros da elite, não existem afetos verdadeiros: “E decerto [o Conselheiro] se deliciou na certeza destas felicidades, que contrastavam tanto com as imagens sepulcrais que a sua pena revolvera” (Queirós, 194?: 549). Para além de desvelar a falsidade dos escritos do Conselheiro, cujo necrológio termina com a sentença “Chorai, chorai, enquanto a mim, a dor sufoca-me!” (Queirós, 194?: 549), fica evidente a ironia do narrador queirosiano, ao mencionar que “Adelaide ouviu-o murmurar: – A vida é um bem inestimável! – E acrescentar como bom cidadão: – Sobretudo nesta era de grande prosperidade pública!” (Queirós, 194?: 549).

O contraste social entre o Conselheiro e quem ouve a sua fala, ou seja, a empregada – que se submete a ser sua amante por conveniência, tendo em vista que aceita ter relações sexuais com ele, mesmo “bocejando”, “cansada da constipação” e “de uma hora de ternuras, que tivera à tardinha, com o louro e meigo Arnaldo, caixeiro da *Loja da América*” (Queirós, 194?: 549, grifo do autor) –, mostra que a Era do Capital estava longe de ser, de fato, uma “era de grande prosperidade” para todos. A exploração dos trabalhadores garantia que apenas os mais ricos usufruíssem dessa prosperidade. Nesse sentido,

as queixas de Reinaldo, imbuídas do elitismo e do esnobismo de uma classe que despreza a nação e vê tudo o que é estrangeiro, sobretudo o que provém de Paris, como superior ao nacional, também podem servir, ironicamente, como uma crítica do romance a Portugal:

– [...] Abjecto país!... [...] Há um ano que a minha oração é esta: Meu Deus, manda-lhe outra vez o terramoto! Pois todos os dias leio os telegramas a ver se o terramoto chegou... e nada! Algum ministro que cai, ou algum barão que surge. E de terramoto nada! O Onnipotente faz ouvidos de mercador às minhas preces... Protege o país! Tão bom é um como outro! – E sorria, vagamente reconhecido a uma nação, cujos defeitos lhe forneciam tantas pilhérias. (Queirós, 194?: 550).

Berrini (1984: 114) aponta que, em *O Primo Basílio*, há um questionamento se a nação, adjetivada por várias personagens do romance como “uma choldra, um chiqueiro, uma porcária”, “teria condições de permanência sem sofrer alterações estruturais profundas?”. A narrativa, porém, mostra uma “Sociedade pequeno-burguesa sem imaginação e sem visão, de horizontes limitados, incapaz de criar ou de admitir uma nova realidade social, económica, política” (Berrini, 1984: 27), uma vez que, “Politicamente, a burguesia condena a revolução: todos são amigos da Ordem. Dizem-se liberais, querem parecer avançados, mas na realidade são retrógradas, conservadores” (Berrini, 1984: 39). Se revolucionários são cooptados pelo poder financeiro, como vimos acontecer com Julião, será que a única salvação seria um terremoto, tão ou mais devastador como o de 1755, para abalar as estruturas sociais, e forçar o país a se reconstruir sob novas bases? De acordo com António José Saraiva (2000: 126), “A crise portuguesa reduz-se, portanto, para Eça, à crise da mentalidade burguesa [...]. Mas como esperar duma classe medularmente corrompida [...], medíocre por essência, esta revolução? [...] Há outra solução; é a catástrofe”. Que venha, portanto, o terremoto. Contudo, enquanto o terremoto não chega, o romance queirosiano traz uma tentativa de conscientização do leitor, expondo de forma irônica os males da sociedade portuguesa, galhofando da nação, “cujos defeitos forneciam tantas pilhérias” não só a Reinaldo, mas também ao seu brilhante criador.

Referências

- BERRINI, Beatriz (1984). *Portugal de Eça de Queiroz*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- CUNHA, Maria do Rosário (2016). “Juliana (Eça de Queirós, O Primo Basílio)”. REIS, Carlos (Ed.). *Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa*. Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

- DANTAS, Francisco J. C. (1999). *A Mulher no Romance de Eça de Queiroz*. São Cristóvão, SE: Editora UFS; Fundação Oviêdo Teixeira.
- GARRETT, Almeida (2010). *Viagens na Minha Terra*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- HOBSBAWM, Eric J. (2007). *A Era das Revoluções 1789-1848*. 21.^a ed. Tr. Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- HOBSBAWM, Eric J. (1996). *A Era do Capital 1848-1875*. Tr. Luciano Costa Neto. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- PAVANELO, Luciene Marie (2019). “A Ascensão Social no Romance Histórico de Alexandre Dumas e de Camilo Castelo Branco”. *Revista de Estudos Literários* 9: 161-182.
- QUEIROZ, Eça de (194?). *O Primo Basílio (Episódio Doméstico)*. Porto: Lello & Irmão Editores.
- SARAIVA, António José (2000). “Um Inquérito à Vida Portuguesa”. *As Ideias de Eça de Queirós: ensaio*. Lisboa: Gradiva, p. 109-129.

